



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PORTO NACIONAL
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS**

CINTIA GAMA DOS SANTOS

**EDUCAÇÃO LITERÁRIA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA
FORMAÇÃO DO LEITOR DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL**

Porto Nacional, TO

2023

CINTIA GAMA DOS SANTOS

**EDUCAÇÃO LITERÁRIA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA
FORMAÇÃO DO LEITOR DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL**

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em Letras da
Universidade Federal do Tocantins como requisito para a
obtenção do Título de Licenciada em Letras

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a Rubra Pereira de Araujo.

Porto Nacional

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- G184e Gama dos Santos, Cintia.
Educação literária: desafios e possibilidades na formação do leitor de literatura infantil e juvenil: Educação literária: desafios e possibilidades na formação do leitor de literatura infantil e juvenil. / Cintia Gama dos Santos. – Porto Nacional, TO, 2023.
32 f.
- Artigo de Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de Letras - Língua Portuguesa e Literaturas, 2023.
Orientador: Profa. Dra. Rubra Pereira de Araújo
Coorientadora : Profa. Dra. Maria Da Glória Castro Azevedo
1. O ato de ler. 2. Literatura nas diretrizes curriculares oficiais. 3. A LIJ na sala de aula. 4. Considerações finais. I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

CINTIA GAMA DOS SANTOS

**EDUCAÇÃO LITERÁRIA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA FORMAÇÃO DO
LEITOR DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL**

Artigo apresentado à Universidade Federal do Tocantins – *Campus*
Universitário de Porto Nacional, Curso Graduação em Letras, avaliado
para a obtenção do título de Licenciada em Letras e aprovada em sua
forma final pela orientadora e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: ____/____/2023

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Rubra Pereira de Araujo – Orientadora (UFT)

Prof^ª. Dra Maria da Glória Castro Azevedo– Examinadora (UFT)

Profa. Dra Neila Nunes de Souza – Examinadora (UFT)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus, que fez com que meus objetivos fossem alcançados, durante todos os anos de estudos.

À minha mãe me incentivou nos momentos difíceis e compreendeu minha ausência enquanto eu me dedicava aos estudos.

A todos os professores, em especial, Rubra, por ter sido minha orientadora e ter desempenhado tal função com dedicação e amizade.

Às pessoas com quem convivo ao longo desses anos de curso, que me incentivaram e que certamente tiveram impacto na minha formação acadêmica.

Aos meus colegas de curso, com quem convivi intensamente durante os últimos anos, pelo companheirismo e pela troca de experiências que me permitiram crescer não só como pessoa, mas também como formanda.

E por último, não menos importante, gostaria de agradecer à Universidade Federal do Tocantins UFT, que foi essencial no meu processo de formação profissional.

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.” (Paulo Freire)

RESUMO

Este artigo tem como temática central os desafios e as possibilidades metodológicas na formação de leitores de literatura infantil e juvenil (LIJ). A decisão em investigar sobre tal temática foi despertada a partir dos resultados obtidos com a realização do Estágio Supervisionado em uma escola pública estadual localizada na parte central de Porto Nacional. Para tanto, o percurso metodológico realizado foi bibliográfico e documental, com abordagem qualitativa do tipo descritiva. Assim, a relevância acadêmica desta produção visa ser um suporte teórico para outros pesquisadores interessados na mesma temática, contribuindo com a ampliação de propostas metodológicas direcionadas ao ensino formal de LIJ, considerando as ferramentas tecnológicas digitais de informação e de comunicação disponíveis, tendo em vista que temos como recorte temporal uma sociedade contemporânea midiática, demonstrando a necessidade da implementação de uma educação literária significativa sobretudo, voltada para o desenvolvimento de competências e habilidades de idiosincrasias dos sujeitos em uma perspectiva de valorização da sensibilidade humana.

Palavras-chaves: Ensino. Metodologias. Literatura infantil. Literatura juvenil.

ABSTRACT

This article's central theme is the challenges and methodological possibilities of teaching children's and young people's literature (LIJ). The decision to investigate this topic was sparked by the results obtained from carrying out the Supervised Internship in a state public school located in the central part of Porto Nacional. To this end, the methodological path carried out consisted of bibliographic and documentary, with a qualitative, descriptive approach. Thus, the academic relevance of this production aims to provide theoretical support for other researchers interested in the same topic, contributing to the expansion of methodological proposals aimed at formal LIJ teaching, considering the digital technological information and communication tools available, bearing in mind that We have a contemporary media society as a time frame, demonstrating the need to implement a significant literary education, above all, aimed at developing the subjects' idiosyncrasy skills and abilities from a perspective of valuing human sensitivity.

Keywords: Teaching. Methodologies. Children's literature. Youth literature.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
LIJ	Literatura Infantil e Juvenil
OCEM	Orientações Curriculares do Ensino Médio
PCN	Parâmetro Curricular Nacional
UFT	Universidade Federal do Tocantins

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 O ATO DE LER.....	15
3 LITERATURA NAS DIRETRIZES OFICIAIS.....	17
3.1 PCNs	18
3.2 OCEM.....	18
3.3 BNCC.....	19
4 A LIJ NA SALA DE AULA.....	22
5 DISCUSSÃO	25
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
REFERÊNCIAS	29

1 INTRODUÇÃO

*Todo menino é um rei
Eu também já fui rei
Mas quá!
Despertei!*

(...)

*Por cima do mar da ilusão
Eu naveguei! Só em vão
Não encontrei
O amor que eu sonhei
Nos meus tempos de menino
Porém menino sonha demais
Menino sonha com coisas
Que a gente cresce e não vê jamais*

(....).

E Todo Menino É um Rei (Nelson Rufino e Zé Luiz), com Roberto Ribeiro, 1978.

Ao considerar a Literatura adjetivada com com os termos infantil e juvenil, é importante averiguar a concepção do agente pesquisador sobre infância e juventude, com o olhar para os contornos da contemporaneidade. O início da letra da canção em epígrafe serviu de inspiração para outras gravações e adaptação do samba-enredo da escola de samba carioca no carnaval de 2017. A letra enaltece a importância da infância e suas peculiaridades no que tange aos sonhos, ilusão e capacidade mágica de encarar a vida e seus dilemas, os quais devanecem a medida que crescemos.

A literatura tem grande relevância no desenvolvimento do indivíduo, pois além de ser um exercício de reflexão, responde “a um projeto de conhecimento do homem e do mundo” (COMPAGNOM, 2009, p. 26), contribuindo com a formação da personalidade humana. Nesse sentido, acredita-se que o hábito da leitura é fundamental para que os estudantes desenvolvam e ampliem a imaginação, a criatividade, o vocabulário, a interpretação do mundo (não apenas dos textos) e a vivência de experiências.

Dessa forma, um dos papéis da escola é elaborar conteúdos com objetivos direcionados ao ensino e à aprendizagem desses sujeitos, pois o ambiente da sala de aula é um dos principais lugares para se trabalhar com a variedade de textos orais, escritos, imagéticos, midiáticos com diversificadas manifestações artísticas, culturais (das locais às mundiais), sempre respeitando os diferentes saberes e identidades (BRASIL, 2018).

Sob essa contextualização, a Língua Portuguesa, segundo a Base Nacional Comum Curricular, doravante BNCC, está focada na produção de textos como prática de linguagem socialmente situada. Para tanto, o professor tem como norte cinco campos de atuação para esse uso prático da língua/linguagens em situações cotidianas que são:

- ✓ **Atuação na vida cotidiana** (agendas, listas, bilhetes, recados, avisos, convites, cartas, cardápios, diários, receitas, manuais, etc.);
- ✓ **Artístico/literário** (lendas, mitos, fábulas, contos, crônicas, canções, poemas, cordéis, quadrinhos, tirinhas, charges, etc.);
- ✓ **Estudo e pesquisa** (relatos de experimentos, gráficos, tabelas, infográficos, diagramas, entrevistas, notas de divulgação científica, verbetes de enciclopédia, etc.);
- ✓ **Atuação na vida pública** (notícias, reportagens, cartas do leitor, campanhas de conscientização, Estatuto da Criança e do Adolescente, abaixo-assinados, cartas de reclamação, regulamentos, etc.);
- ✓ **Jornalístico midiático** (reportagem, artigo de opinião, editorial, resenha crítica, crônica, comentário, debate, anúncio publicitário, propaganda, jingle, charge, meme etc.) (BRASIL, 2018, p. 501)

Sublinha-se que, aqui, a escola é tratada como o espaço privilegiado da leitura pelo fato de transmitir um *corpus* literário limitado, ordenado e valorizado segundo uma tradição uniforme, essencialmente literária (COLUMER, 2007), ademais, a decisão em investigar sobre essa temática foi motivada pelo Estágio Supervisionado Obrigatório realizado numa escola da rede pública localizada na parte central da cidade, atuando como professora-estagiária observei a dificuldade em envolver os alunos nas aulas de LIJ¹, mesmo utilizando diversificadas metodologias às quais tínhamos acesso.

Tal fato nos fez repensar que, com o advento das tecnologias digitais, as aulas expositivas nem sempre têm sido atrativas para os alunos, desmotivando também, os professores que, em sua maioria, ainda estão em fase de aprendizagem sobre toda essa transformação no modo de ensinar, ocasionada, sobremaneira desde o início do período pandêmico, no início do ano de 2020. Parafraseando Mendes (2020, p. 19) “**caçar jeito** é, sem dúvida, uma constante no exercício da docência” – (grifos do autor).

Ora, em se tratando de LIJ, se por um lado, o uso da internet é interpretado como um canal de comunicação onde se pode acessar inúmeras obras em tempo real, em vários formatos e tudo o que envolve como, por exemplo, a biografia do autor, comentários, entrevistas, análises literárias, estudos temporais, análises dos elementos tangíveis e intangíveis que cercaram seu cotidiano. Por outro lado, há uma lacuna entre a teoria e o uso prático dos recursos digitais nas aulas de LIJ como motivadores das práticas de ensino.

¹ LIJ é a sigla utilizada para se referir-se, neste trabalho, à Literatura Infantil e Juvenil.

Nesse contexto, ensinar LIJ em sala de aula tem sido desafiador para os professores, logo nos debruçamos sobre a seguinte questão problematizadora: quais são os principais desafios enfrentados pelos professores no ensino de literatura no contexto social contemporâneo e midiático em que nos encontramos? Quais são as possibilidades metodológicas que os professores podem aderir?

Para tanto, partimos das seguintes hipóteses: falta de interesse por parte dos alunos ao preferirem as redes sociais; desafios tecnológicos no sentido de que nem todas as escolas possuem as ferramentas necessárias para serem utilizadas nas aulas de literatura; formação profissional que não condiz com a dinâmica da sociedade da época.

Conforme o exposto, o objetivo principal deste é identificar quais são as principais dificuldades enfrentadas pelos professores nas aulas de LIJ a partir de um percurso metodológico bibliográfico, documental com abordagem qualitativa e exploratória, voltadas para a formação humana de um leitor contemporâneo.

2 O ATO DE LER

Ler implica troca de sentido não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultado de compartilhamentos de visões de mundo entre os homens no tempo e no espaço (COSSON, 2006, p.27).

Partindo desta epígrafe, compreende-se pelo ato de ler não apenas como uma atividade individual entre o escritor e o leitor, mas também engloba uma troca de sentidos com a sociedade em que ambos estão inseridos, pois durante a leitura costuma-se perguntar: em que contexto tal texto foi escrito. Assim sendo, os sentidos extraídos dos textos surgem do compartilhamento de visões de mundo entre as pessoas ao longo e o texto, intertexto e contexto (COSSON, 2006).

Em outras palavras, o ato de ler não deve considerar apenas nossas experiências e conhecimentos individuais, precisamos fazer uma leitura de mundo como Paulo Freire nos ensinou e continua nos ensinando por meio de suas obras sobre ler como um ato político, como emancipação do sujeito, pois “a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele” (FREIRE, 1981, p. 13). Na proposta a que me referi acima, este movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo está sempre presente.

Para Paulo Freire (1921-1997), educador brasileiro e filósofo da educação, explica a relação entre a leitura do mundo e a leitura da palavra. Na leitura de mundo há que se compreender as questões socioeconômicas, culturais e políticas, como no caso, a sociedade capitalista e midiática na qual estamos inseridos - é uma etapa essencial antes da leitura da palavra, que é a capacidade de ler e interpretar textos escritos e fazer conexões para, a partir daí, dar significado ao que lemos.

Na obra " Literatura em perigo", o autor Tzvetan Todorov (2010) assim como Paulo Freire para quem não devemos estudar mal o sentido de um texto sem nos atermos a uma abordagem interna escrita, enquanto as obras existem dentro de um diálogo com um contexto. Para o autor é preciso também que nos questionemos sobre a finalidade última das obras que julgamos dignas de serem estudadas” (TODOROV, 2010, p. 32).

Esse posicionamento remete-nos ao que, atualmente se debate no meio acadêmico sobre o letramento literário, pois segundo Cosson (2018), o letramento literário consiste em vivenciar a literatura, ou seja, trazê-la para dentro da escola de forma que esta não perca o verdadeiro sentido, que é humanizar, ou seja, não a tomar somente como um componente curricular, sem contextualização e discussão.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa, também conhecidos como PCN (BRASIL, 1998), abordam a importância essencial do texto literário, destacando suas características específicas, ou seja,

O texto literário constitui uma forma peculiar de representação e estilo em que predominam a força criativa da imaginação e a intenção estética. Não é mera fantasia que nada tem a ver com o que se entende por realidade, nem puro exercício lúdico sobre as formas e sentidos da linguagem e da língua. (BRASIL, 1998, p. 26)

Entretanto, embora inúmeros pesquisadores defendam a literatura no sentido de “tornar-nos inteligentes ou diferentemente inteligentes” (Compagnon, 2009, p.39), nas observações do estágio, notei que na prática a LIJ tem sido trabalhada de maneira utilitarista ou moralista nas salas de aulas. Para Edmir Perrotti (1986), o problema do discurso utilitário não está na utilização do discurso enquanto instrumento de educação do leitor, mas em privilegiar essa função em detrimento da função propriamente estética.

Sob essa contextualização, o ato de ler e a literatura estão entrelaçados com aspectos externos ao texto, o que leva-nos a crer que as modificações que ocorreram no percurso histórico do Brasil e as demandas identitárias que vão surgindo influenciam diretamente nos currículos escolares, todavia a escola é, formalmente o lugar de ampliação/problematização do conhecimento e formação humana como um todo.

Segundo Ipiranga (2019) no Brasil, há mais ou menos duas décadas, um esforço contínuo das instituições oficiais em reconfigurar o ensino a fim de adaptá-lo ao novo modelo de sociedade que se desenha: informatizada, ágil, fragmentada, imagética, logo, na seção seguinte colocará em cena o papel da literatura descrito nos documentos oficiais.

3 LITERATURA NAS DIRETRIZES OFICIAIS

Esta seção tem seu olhar direcionado aos documentos oficiais que norteiam a elaboração dos currículos, nesse caso em específico, das aulas de LIJ na Educação Básica são: Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (Brasil, 1998, 1999, 2002), as Orientações Curriculares Nacionais de Ensino (OCNE) (Brasil, 2006) e, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018).

Antes, convém compreender o conceito de LIJ (se assim pode-se dizer), tendo em vista que a leitura, especificamente a literária entrelaça autor-leitor-obra, refletindo em inúmeros sentido, a LIJ é compreendida neste estudo é tratada como manifestação estética e criação literária, isso porque abarca quase todos os gêneros literários. Segundo Araújo (2018) citando Ricardo Azevedo (2001) classificar a literatura como infantil e juvenil podem, naturalmente, ser úteis em determinadas situações (por exemplo, as mercadológicas), porém são imprecisas porque tentam diminuir o valor e a essência literária das obras.

Nessa contextualização, o currículo é tratado como um processo em constante produção, sendo ressignificado mediante as demandas socioculturais em curso (Araújo, 2018, p. 79). Sublinha-se aqui “a abrangência deste termo polissêmico, flexível, movediço e determinante no campo educacional”, ou seja, as demandas sociais atuais exigem que os currículos sejam remodelados, pois em 2023 a prática pedagógica não se assemelha às da década de 80, por exemplo.

Quanto ao conceito de ensino de literatura, é entendido, conforme Mortatti (2014, p. 29) como ensino escolar formal, intencional e organizado, que, por sua vez, integra o processo de formação (integral) do aluno, com a finalidade de contribuir para a sua emancipação humana. Logo, pela expressão “ensino da literatura”, tem-se, simultaneamente, a indicação de objeto de ensino escolar e de um momento específico de ensino e aprendizagem que integra o processo educativo e que se refere ao lugar e à contribuição da literatura para a educação, por meio do ensino.

Dito de outro modo, esse conceito de ensino de literatura, pelo fato de acontecer no ambiente escolar, é definido como uma prática formal, intencional e organizada, que faz parte do processo de formação do aluno, visando contribuir para a emancipação humana dos estudantes. O termo "ensino da literatura" refere-se tanto ao objeto de estudo nesse espaço em específico quanto ao processo de ensino em si. Nesse sentido, Mendes argumenta que

compreender como o sistema educacional é organizado e quais são seus propósitos explícitos e tácitos é fundamental para uma atuação docente, seja de qual for a área,

mais responsável, responsiva e consciente de que sua práxis pode, em alguma medida, colaborar para romper o status quo da vida de milhões de jovens brasileiros, especialmente daqueles menos abastados (MENDES, 2020, p. 136).

Essa argumentação destaca a importância de os professores compreenderem a estrutura e os objetivos do sistema educacional da instituição de ensino em que atuam para que possam desempenhar seu trabalho tendo consciência de que suas ações podem contribuir para mudanças na vida desses estudantes, especialmente aqueles que têm menos recursos financeiros, podendo identificar e romper desigualdades e preconceitos existentes nas escolas.

3.1 PCNs

A primeira grande transformação na estrutura curricular e nos métodos de ensino foi implementada pelos PCNs. À época, estabelecia a divisão do ensino de Língua Portuguesa em cinco conteúdos principais: oralidade, leitura, escrita, educação literária e análise linguística. Quanto à Literatura Infantil, os PCNs orientam que

[...] os blocos de conteúdos de Língua Portuguesa são língua oral, língua escrita, análise e reflexão sobre a língua; é possível aprender sobre a língua escrita sem necessariamente estabelecer uma relação direta com a língua oral; por outro lado, não é possível aprender a analisar e a refletir sobre a língua sem o apoio da língua oral, ou da escrita. Dessa forma, a inter-relação dos elementos de um bloco, ou entre blocos, é determinada pelo objeto da aprendizagem, configurado pela proposta didática realizada pelo professor. (BRASIL, 1997, p. 54).

Ou seja, nesse excerto a literatura para crianças era dividida em blocos de Língua Portuguesa inter-relacionando oralidade e escrita, de forma direta, para que a aprendizagem acontecesse.

3.2 OCEM

As Orientações Curriculares para o Ensino Médio (BRASIL, 2006), incorporaram os conteúdos de Literatura no estudo da linguagem, porém deixaram de abordar os debates que o ensino desse componente curricular suscita, além de negar a ela sua autonomia e especificidade, isto é, a crítica apresentada nesse documento sustenta a necessidade de repensar o currículo de acordo com estudos direcionados à obra literária e suas possibilidades.

Portanto, conforme Brasil (2016, p. 15) a literatura é contemplada no campo “Linguagens”, integrando-se ao componente curricular obrigatório “Língua Portuguesa”, ou seja, de maneira semelhante aos PCNs, o ensino da literatura ocupa timidamente um espaço na leitura e letramento, isto é, “a história da literatura costuma ser o foco da compreensão do texto;

uma história que nem sempre corresponde ao texto que lhe serve de exemplo (Brasil, 2016, p. 58). Assim sendo, cabe aos estudantes desenvolverem habilidades de leitura, interpretação e produção de textos em diferentes gêneros, incluindo estudos científicos e literários, obras e autores locais, nacionais e internacionais (BRASIL, 2016, p. 17).

Em termos práticos, os estudos relacionados ao ensino da LIJ e suas possibilidades pertence ao campo Linguagens, integrada ao componente curricular obrigatório de Língua Portuguesa e, assim como nos PCNs, o ensino da literatura nas OCEM ocupa um espaço limitado na leitura e letramento, com o foco muitas vezes na história da literatura, em que as aulas trabalham o início eo fim de um determinado período/movimento/tendência literária, especificando datas, autores e outras de cada um.

Entretanto, o ideal seria que os alunos desenvolvessem habilidades de leitura, interpretação e produção de textos em diferentes gêneros, incluindo estudos científicos e literários, obras e autores locais, nacionais e internacionais. Na próxima seção, acredita-se que, na BNCC, por ser um documento oficial mais atual, o ensino da literatura seja tratado de outra forma.

3.3 BNCC

Ipiranga (2019) explica que a BNCC, além de ser o documento oficial que orienta o EM com o compromisso de uma formação voltada à participação mais plena dos jovens nas diferentes práticas socioculturais que envolvem o uso da linguagem. Nas palavras da autora:

Ela apresenta uma série de novos parâmetros para a educação, implementando uma discussão histórica e política contundente. Teoricamente bem elaborada, atenta às modificações por que passa o mundo e a nova juventude que emerge desse contexto, ela, no entanto, furta-se a enfrentar a questão curricular, que deixa solta, construída por indicativos de formação (IPIRANGA, 2019, p. 108).

Nessa citação a autora interpreta a BNCC como uma abordagem educacional que traz um conjunto de novos critérios ou diretrizes para a educação, com uma análise histórica e política contundente. Esses critérios são teoricamente bem desenvolvidos e levam em consideração as mudanças que o mundo está passando e a nova geração de jovens que está surgindo nesse contexto.

Todavia, há uma lacuna nessa abordagem educacional: não há uma definição sobre a questão curricular, isto é, falta uma estrutura curricular clara, com diretrizes específicas para a formação dos alunos. Essa mesma lacuna nos remete ao questionamento levantado na pesquisa de Araújo (2018, p. 70): “o que quer, o que pode um currículo?” No caso da Literatura, “trata-se de um componente ou conteúdo curricular?”;

Com base na Lei nº 13.415/2017, em seu Art. 4º, altera o Art. 36 da LDB nº 9.394, passou a vigorar as seguintes alterações:

Art. 36. O currículo do EM será composto pela Base Nacional Comum Curricular e por itinerários formativos, que deverão ser organizados por meio da oferta de diferentes arranjos curriculares, conforme a relevância para o contexto local e a possibilidade dos sistemas de ensino, a saber:

I - Linguagens e suas tecnologias

II - Matemática e suas tecnologias;

III - ciências da natureza e suas tecnologias;

IV - Ciências humanas e sociais aplicadas;

V - Formação técnica e profissional (BRASIL, 2017).

Nesse cenário de alterações na organização curricular da Educação Básica, a literatura, mais uma vez, ocupa lugar periférico nas discussões, pois é compreendida como objeto de linguagem e pouca relevância prática em detrimento dos outros conteúdos. Logo, a Literatura, está incluída na área de Linguagens e suas Tecnologias, na qual também são contemplados os componentes curriculares de Arte, Educação Física, Língua Inglesa (LI) e Língua Portuguesa (LP).

Para Mendes (2020), inicialmente, essa associação aparenta ser interessante, uma vez que a literatura, dentre diferentes dimensões, é um fenômeno da língua. Entretanto, sua ausência como área do saber parece mais um sinal da forma evasiva e subliminar de como a literatura é apresentada no documento, ou seja, das sete competências que fazem parte da área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, não há uma menção à palavra literatura.

Dessa forma a LP articula-se a cinco campos de atuação social demarcados na Base: campo da vida pessoal, vida pública, artístico-literário, práticas de estudo e pesquisa e, jornalístico-midiático. Segundo Ipiranga (2019), campos esses responsáveis por gerar ações subsequentes e marcarem uma inovação na concepção e no fluxo das diretrizes educacionais.

Conforme o exposto, a Literatura na BNCC é tratada de maneira semelhante às outras Artes, ou seja, a Base apresenta uma perspectiva generalista, buscando ampliar o contato e a análise fundamentada de manifestações culturais e artísticas em geral (BRASIL, 2018). Corroborando com essa ideia, em de 2018, Araújo pontuou que “muitas vezes os estudos literários perdem para os linguísticos na operacionalização da prática pedagógica na maioria das escolas brasileiras; essa derrota conta com o aval das diretrizes curriculares nacionais" (p. 89)”.

Sob esse prisma, pode-se inferir que em boa medida os estudos literários são negligenciados em detrimento dos estudos linguísticos na prática pedagógica, ou seja, há um desequilíbrio entre estudos linguísticos e literários, o que pode ter implicações para a formação

dos alunos com relação à formação do imaginário, à desconstrução de preconceitos, à reformulação de valores morais, à aquisição de repertório vocabular, argumentativo, de apreciar inúmeras possibilidades de vidas, dentre outros aspectos e tudo com respaldo legal do Ministério da Educação com a sustentação de um discurso democrático e moderno, pois amplia as modalidades de textos, e isso inclui o universo digital.

Em Brasil (2018), nota-se que menções à tradição e à inovação, no sentido de progredir as habilidades trabalhadas na Educação Básica, ou seja, recomenda-se tanto obras literárias tradicionais quanto a contemporânea, sem esquecer das produções midiáticas de múltiplas repercussões.

a ampliação de repertório, considerando a diversidade cultural, de maneira a abranger produções e formas de expressão diversas – literatura juvenil, literatura periférico-marginal, o culto, o clássico, o popular, cultura de massa, cultura das mídias, culturas juvenis etc. – e em suas múltiplas repercussões e possibilidades de apreciação, em processos que envolvem adaptações, remediações, estilizações, paródias, HQs, minisséries, filmes, videominutos, games etc.; a inclusão de obras da tradição literária brasileira e de suas referências ocidentais – em especial da literatura portuguesa –, assim como obras mais complexas da literatura contemporânea e das literaturas indígena, africana e latino-americana (BRASIL, 2018, p. 499)

Em termos práticos, parafraseando Ipiranga (2019) como justificativa para essa dinâmica entre o tradicional e o contemporâneo no ensino de Literatura, a BNCC visa restaurar a vitalidade dos jovens e sua motivação por meio da incorporação de práticas específicas da juventude, seus códigos e perspectivas de vida expressas por meio da atualização dos modelos de divulgação literária (*blogs*, sites, páginas virtuais, entre outros) e da utilização desses modelos para a construção de uma compreensão mais ampla e democrática da arte. Assim sendo, nas linhas a seguir a discussão será focada na LIJ na sala de aula.

4 A LIJ NA SALA DE AULA

Considerando a relação entre sala de aula e os contornos sociais atuais, as práticas do ensino da literatura tem se tornado desafiadoras tanto para professores quanto para os alunos, isso porque, mesmo vivendo em uma sociedade midiática, com novas “roupagens” digitais, não se pode desconsiderar que, muitas escolas não possuem, inclusive internet e nem todos os professores possuem habilidades suficientes para o uso de tecnologias digitais, isto é, há um contraste entre as orientações dos documentos oficiais e a realidade escolar abrindo questões sobre que espaço da LIJ ocupa na ambiente escolar, na sala de aula.

Para a BNCC as escolas devem

(ter consciência) da consideração da diversidade cultural, de maneira a abranger produções e formas de expressão diversas, a literatura infantil e juvenil, o cânone, o culto, o popular, a cultura de massa, a cultura das mídias, as culturas juvenis etc., de forma a garantir ampliação de repertório, além de interação e trato com o diferente (BRASIL, 2018, p. 75).

Porquanto, essa citação enfatiza o quanto é fundamental a diversidade cultural ser trabalhada em sala de aula pela LIJ como um recurso para a ampliação do repertório intelectual dos alunos a partir do contato com o diferente, como por exemplo a literatura indígena, a feminina, a negra, a marginal. Dessa maneira, para além dos aspectos textuais, a LIJ enriquecerá a formação integral dos alunos, principalmente numa sociedade cada vez mais competitiva, globalizada e diversa.

Por outro lado, Silva (2017) é veemente ao apontar a pouca importância que a literatura tem nas salas de aula do EM, devido à imposição de leituras literárias idealizadas pelos professores e às concepções estereotipadas que ainda existem nos livros didáticos, sendo abordada de maneira superficial e fragmentada, o que resulta em um processo de escolarização inadequado.

Ainda segundo a referida pesquisadora, o que acontece nas salas de aula do EM é o ensino da história da literatura, classificando autores, datas às escolas literárias, muitas vezes trabalhados de maneira desarticulada, isto é, os alunos precisam ler uma lista de livros paradidáticos e realizar provas, resumos, exercícios sobre eles (SILVA, 2017). Essa colocação sustenta-se no que está registrado nos PCNs do EM,

A história da Literatura costuma ser o foco da compreensão do texto; uma história que nem sempre corresponde ao texto que lhe serve de exemplo. O conceito de texto literário é discutível. Machado de Assis é literatura, Paulo Coelho não. Por quê? As explicações não fazem sentido para o aluno. Outra situação de sala de aula pode ser mencionada. Solicitamos que os alunos separassem de um bloco de textos, que iam

desde poemas de Pessoa e Drummond até contas de telefones e cartas de banco, textos literários e não-literários, de acordo como são definidos. Um dos grupos não fez qualquer separação. Questionados, os alunos responderam: “Todos são não-literários, porque servem apenas para fazer exercícios na escola.” E Drummond? Responderam: “Drummond é literato, porque vocês afirmam que é, eu não concordo. Acho ele um chato. Por que Zé Ramalho não é literatura? Ambos são poetas, não é verdade?” (BRASIL, 1999, p.137).

Assim, observa-se que o foco é trabalhar a literatura de maneira estrutural. Uma proposta que se diferencia das orientações da BNCC e também das práticas pedagógicas que acontecem fora das salas de aulas. Destarte, os estudantes recebem estímulos a todos os instantes por meio das tecnologias digitais em *gygas* e *terabytes*, logo quando se deparam com aulas tradicionais, a desmotivação se instala.

Nesse sentido, Araújo (2018, p. 88) lança um questionamento pertinente: “qual seria o devido lugar da Literatura na estrutura curricular da Educação Básica brasileira?” Para tanto, existem duas maneiras distintas: a literatura componente curricular - uma educação literária separada, com tempo, espaço e conteúdos específicos na matriz curricular e, uma duração determinada para serem abordados em sala de aula; a segunda, a literatura como conteúdo disciplinar complementar de outra disciplina, como a Língua Portuguesa, ocupando uma posição subordinada, sendo tratada como um apêndice.

Essa segunda possibilidade é a versão sustentada pela BNCC, visto que a literatura, mesmo com o decorrer das décadas, ainda não se destaca. Arriscamo-nos a dizer que, em se tratando de uma sociedade capitalista, a literatura é interpretada como pouca relevância prática para os alunos, tendo em vista que outros conteúdos são mais relevantes para o mercado de trabalho, para atender a mão de obra exigida.

Desse modo, dentre os desafios diante das práticas de ensino de LIJ nas salas da Educação Básica destacam-se, em um primeiro instante, relacionados com o planejamento didático das atividades programáticas, que devem ser, antes de tudo, pragmáticas, úteis, os planos de aula, de intervenção e de suporte devem estar no nível da proporção do avanço e do interesse dos estudantes.

Ou seja, se por um lado as tecnologias são vistas como um obstáculo, por outro, em se tratando da contemporaneidade, pode ser um instrumento para se agregar ao ensino da LIJ, tornando-a mais lúdica e atrativa, estimulando o desenvolvimento holístico dos alunos. Tudo isto, para motivá-los e desafiá-los e não o contrário, como tem ocorrido, pois, caso o professor não os seduza e os encante com seus ensinamentos, ele pode se tornar um candidato sério a perder seus alunos para seus “brinquedos” – aparelhos tecnológicos. Entretanto, existe o

discurso de que as tecnologias digitais tiram a atenção dos alunos com muita facilidade, pois os estímulos provocados pelas inúmeras notificações direcionam os alunos para outros assuntos, enquanto a leitura por meio dos livros impressos permitem o contato sensorial, o vínculo afetivo e emocional com certas obras, a memória e compreensão podem ser aguçada no passar das páginas que podem ser destacadas, marcadas, grifar trechos importante.

5 DISCUSSÃO

Considerando o papel fundamental de formadora de crianças e adolescentes, a literatura estimula a criatividade, a imaginação, o desenvolvimento da linguagem e a construção de valores, todavia no ensino de LIJ, há diversos desafios a serem enfrentados, a começar, por essa posição periférica registrada no documentos oficiais elaborados pelo MEC, como objetivo estético, ancorado em práticas de linguagem e (SILVA, 2017).

Mendes (2020) é categórico ao afirmar que a BNCC, em se tratando da apreciação artística e cultural, espera que os alunos sejam capazes de compreender o papel das diferentes linguagens e suas relações em uma obra, ou seja, não nega a relevância da fruição literária, porém, não há discussão sobre esse assunto no documento, o que pode gerar

É um perigoso ruído e coloca o aluno na condição de um espectador que busca apenas deleite, prazer e conforto, todavia, a apreciação literária está relacionada à apropriação, reflexão, reconfiguração, vivência e experiência” (...) O que falta, segundo o autor é, uma perspectiva mais dialógica, crítica e reflexiva para a leitura literária, na qual leitores são constantemente desafiados a (re)conhecer, a confrontar e a (re)inventar o mundo a partir da experiência estética” (MENDES, 2020, p. 141).

O fato de a literatura ser tratada dessa maneira, acarreta em outro desafio para os professores: as discussões sobre as metodologias que direcionam a prática pedagógica de LIJ na sala de aula. A proposta do PCN é que na sala de aula o professor interligue leitura, produção de textos, análise linguística e literatura e a realidade do aluno, pois “a leitura é compreendida como ato de (re)construção textual, etapa importante para o leitor produzir sentidos a partir da polissemia da obra literária” (SILVA, 2017, p. 93).

Assim, essa autora enfatiza que, em geral, na Educação Básica, é notório o desinteresse dos estudantes pelas leituras literárias pelo fato de não possuírem um repertório de leituras prévias. Com isso, os professores também enfrentam desafios para ensinar-lhes, uma vez que não há discussões metodológicas adequadas para apoiar a prática pedagógica em sala de aula.

Ou seja, na prática de sala de aula, essa integração entre estudos linguísticos e literários geralmente não ocorre, pois o ensino é dividido entre aulas de língua portuguesa, redação, literatura e análise linguística, isto é, não um diálogo da literatura com outras áreas do conhecimento, além disso os professores, muitas vezes não recebem nenhuma preparação adequada para trabalhar com a LIJ.

Logo, compete a esse profissional a busca por atualizações constantes sobre metodologias de ensino e aprendizagem de literatura mais eficientes nesse contexto por conta própria, isto é,

mais uma vez reforçando Mendes, “*caçar jeito* é, sem dúvida, uma constante no exercício da docência” (2020, p. 143)

Também há que se destacar a falta de interesse dos alunos quanto à literatura. Acredita-se que, esse fato é o reflexo de, por um lado, as metodologias utilizadas em sala de aula não serem condizentes com o momento social midiático que vivenciamos. Pelos seus celulares os estudantes tem acesso a inúmeros conteúdos com sons e imagens, enquanto que, em muitas escolas os professores têm apenas o quadro e o giz, ou seja, nem sempre a culpa é do professor, mas sim um problema sistêmico da falta do Estado, pois há escolas que não possui internet acessível a todos os alunos.

Para (Leajanski; Althaus; Bagio, 2021) nem sempre os alunos mostram-se interessados nas aulas, pois muitos consideram os conteúdos desinteressantes e as aulas monótonas, logo, as metodologias ativas e táticas variadas podem auxiliar o professor na criação de aulas mais interativas, com os estudantes assumindo o papel de protagonistas.

Nesse aspecto, considera-se que a BNCC avançou, pois dá a possibilidade dos professores junto com os alunos de produzirem diálogos acerca dos inúmeros gêneros textuais como os que são destacados no campo da vida pública e no campo jornalístico-midiático, como por exemplo, (reportagem multimidiática, documentário etc.) e com a opinião (crítica da mídia, ensaio, vlog de opinião etc.); textos, vídeos e podcasts diversos de apreciação de produções culturais (BRASIL, 2018).

Porquanto, no que se refere às possibilidades metodológicas, é preciso considerar estratégias que estimulem a participação ativa dos alunos no processo de leitura e interpretação dos textos literários; isso porque a educação formal vem passando por modificações significativas quanto às metodologias, os recursos pedagógicos e a conduta do profissional da educação, tendo em vista que as pessoas têm buscado conhecimentos cada vez menos associado à sala de aula.

Porém, segundo Araújo (2018) na contemporaneidade há uma verdadeira explosão de vendas de literatura infantil e juvenil brasileira, ou seja,

O combate ao utilitarismo e pragmatismo dessa arte nem sempre acompanha o mesmo compasso das tiragens de exemplares. Precisamos, portanto de estudos e pesquisas acadêmicas na tentativa de analisar a qualidade em detrimento da quantidade, no sentido de promover a fruição estética no indivíduo, em vez de ser mero artefato pedagógico, disponível nas escolas ou mesmo nos lares dos brasileiros (ARAÚJO, 2018, p. 36)

Dito de outro modo, Lima, Silva e Araújo (2018), argumentam que no século XXI, os estudantes têm acesso cada vez maior às redes de comunicação e recursos tecnológicos, tais como smartphones, jogos eletrônicos, plataformas de mídia e redes sociais. Com isso, Moran

(2017) enfatiza que hoje há inúmeros caminhos de aprendizagem pessoais e grupais que concorrem e interagem simultânea e profundamente com os formais e que questionam a rigidez dos planejamentos pedagógicos das instituições educacionais, tornando-se urgente a necessidade de uma revisão nas metodologias da aprendizagem.

Sob esse prisma, as Metodologias Ativas podem ser uma alternativa para se trabalhar a LIJ por englobar a realização de projetos, sala de aula invertida, aprendizagem baseada em problemas, a adoção de atividades diversificadas, como dramatizações, debates, criação de ilustrações e produção de textos, podendo assim, potencializar o engajamento dos estudantes e a construção do conhecimento, gamificação, estudo de caso, uso de tecnologias.

Para Moran (2017), hoje há inúmeros caminhos de aprendizagem pessoais e grupais que concorrem e interagem simultânea e profundamente com os formais e que questionam a rigidez dos planejamentos pedagógicos das instituições educacionais, tornando-se urgente a necessidade de uma revisão nas metodologias da aprendizagem.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização desta pesquisa bibliográfica e documental exploramos o papel da LIJ nos documentos oficiais, destacando os desafios e as possibilidades metodológicas que surgem nessa área, todavia, nota-se que é desafiador o ensino desse conhecimento tendo em vista que, a começar pelos PCNs, OCEM e BNCC a literatura é tratada como um anexo da Língua Portuguesa e ainda, trabalhada de maneira fragmentada no currículo.

A educação literária para tornar-se emancipadora requer um cuidadoso planejamento e uma abordagem interdisciplinar, que envolve não apenas a leitura, mas também a interpretação, a análise crítica e a produção de textos. Além disso, é essencial que os educadores estejam preparados para lidar com as diferentes narrativas presentes na LIJ, levando em consideração a diversidade de culturas, valores e experiências de vida dos alunos.

No entanto, o trabalho com a LIJ também traz consigo inúmeros desafios. A falta de acesso a livros de qualidade, a ausência de formação adequada dos educadores no que diz respeito especificamente às metodologias e a falta de integração curricular, o desinteresse dos alunos, são apenas alguns dos obstáculos enfrentados que enfrentamos.

Em suma, a educação literária desempenha um papel fundamental no desenvolvimento dos estudantes, contribuindo para a formação de leitores críticos, capazes de compreender e refletir sobre o mundo ao seu redor, assim como nos ensina Paulo Freire com suas propostas dialógicas e emancipadoras. Todavia, apesar dos desafios apresentados, acreditamos que, com metodologias eficientes, a participação ativa dos sujeitos e a conexão com a realidade são alguns aspectos essenciais a serem considerados nesse processo.

REFERÊNCIAS

- ARAUJO, R. P. **Estranhando o currículo**: a temática homoafetiva no ensino de literatura infantil. Rio de Janeiro: 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2018.
- BRASIL. Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. Disponível em: <http://legis.senado.leg.br/legislacao/ListaTextoSigen.action?norma=602639&id=14374947&idBinario=15657824&mime=application/rtf> acesso em 20 nov 2023.
- BRASIL. **Orientações curriculares para o ensino médio (OCNEM)**: Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, volume 1. 2006. 239 p
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)**: 3º e 4º ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998. BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)**: Ensino Médio. Brasília, DF: MEC/SEMTEC, 1999.
- COLOMER, T. **Andar entre livros**: a leitura literária na escola. São Paulo: Global, 2007.
- COMPAGNON, A. **Literatura pra quê?** Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- COSSON, R. **Letramento literário**: teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.
- DAMASCENO, Fabiana Elayne Barros et al. Metodologias ativas no ensino de Geografia: uma revisão bibliográfica sobre seu uso na educação profissional e tecnológica. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**- REASE, São Paulo, v. 7, n. 12, p. 1549-1559, dez. 2021.
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989. (Coleção polêmicas do nosso tempo; 4).
- IPIRANGA, S. O papel da literatura na BNCC: ensino, leitor, literatura e escola. **Revista de Letras** - Centro de Humanidades Universidade Federal do Ceará/UFC – Fortaleza – CE n°. 38 - vol. (1) - jan./jun. - 2019.
- LEAJANSKI, Alison Diego; ALTHAUS, Maiza Taques Margraf; BAGIO, Viviane Aparecida. O potencial didático das maquetes na Geografia: reflexões extensionistas. **Revista Cocar**, Belém, v. 15, n. 32, p. 01-18, 2021.
- LIMA, Anna Erika Ferreira; SILVA, Danielle Rodrigues; ARAÚJO, Enos Feitosa. Metodologias ativas em Geografia: experiências docentes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). **Revista de Estudos Geoeducacionais**, v. 9, n. 18, p. 03-11, 2018.
- MENDES, Natanael. BNCC e o professor de literatura: água que corre entre pedras. **Revista Teias** v. 21 • n. 63 • out./dez. 2020 • Seção Temática Docência, currículo, didática, aula: fantástico arquivo político da diferença.

MORAN, J. Metodologias ativas e modelos híbridos na educação. Publicado em YAEGASHI, Solange e outros (Orgs). **Novas Tecnologias Digitais: Reflexões sobre mediação, aprendizagem e desenvolvimento**. Curitiba: CRV, 2017, p.23-35.

MORAN, José. Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda. In: BACICH, Lilian; MORAN, José. (org.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018. p. 35-74.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Na história do ensino da literatura no Brasil: problemas e possibilidades para o século XXI. **Educar em Revista**, Curitiba: Ed. UFPR, n.52, p.23-43, abr./jun. 2014.

SILVA, Ivanda Maria Martins. Literatura em sala de aula: da teoria à prática escolar. Recife: **Programa de Pós-graduação em Letras da UFPE**. Coleção Teses, 2005.

SILVA, Ivanda Maria Martins. Literatura no Ensino Médio: conexões com orientações curriculares. **Revista Olh@res**, Guarulhos, v. 5, n. 2, novembro 2017.

TODOROV, T. **A literatura em perigo**. 3ª ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2020.